

## 1. Introdução

O objeto de estudo da presente tese é a obra cronística do escritor português António Lobo Antunes.

Desde seu primeiro romance, *Memória de Elefante*, em 1979, Lobo Antunes publicou, com imensa regularidade, vinte e quatro romances, quatro livros de reuniões de crônicas, um relato infantil, uma edição limitada de letras de música, e uma coletânea, editada por suas próprias filhas, de suas cartas de guerra endereçadas desde Angola a sua noiva em Lisboa. Foram publicados inúmeros livros e teses sobre sua obra, de romancista principalmente, com destaque especial a liderança da crítica literária e professora Maria Alzira Seixo, que hoje coordena a edição das obras completas do escritor português pela editora Dom Quixote e é considerada, por unanimidade, sua mais sofisticada leitora. A atuação e presença de António Lobo Antunes na imprensa é constante, tanto por meio das já citadas crônicas quinzenais na revista *Visão*, revista de ampla circulação em Portugal, e que recebem resposta entusiasta dos leitores, como também sua presença é constante em inúmeros perfis e reportagens e entrevistas em jornais e revistas que, por conta da periodicidade anual com que publica seus romances, são um evento esperado e celebrado pela mídia portuguesa, tanto impressa quanto televisiva e radiofônica. Lobo Antunes, em Portugal, está em todo lugar

Essa resposta efusiva se repete também no estrangeiro. Dentro da própria língua portuguesa, no mundo lusófono, onde seu trabalho recebe destaque em suplementos culturais e em revistas especializadas, mas com sua festejada presença, acompanhada pelo público, em festas e festivais de livros e de literatura, como no caso do Festival Literário Internacional de Paraty (FLIP) de 2009, onde foi o grande nome. Lobo Antunes também recebe a mesma resposta efusiva dentro do universo cultural de idiomas como inglês, espanhol, francês e alemão, todos historicamente áridos para ficção em língua portuguesa, e onde seus livros são bem editados e divulgados. Suas visitas à França sempre arrastam numerosa legião de leitores, e na Alemanha seus romances, classificados como difíceis e experimentais, tornaram-se inusitados best-sellers.

Jornais e semanários influentes como *The New York Times*, *Los Angeles Times* e *Washington Post* tratam seus livros como acontecimentos editoriais. Recentemente, sua obra recebeu um artigo longo<sup>1</sup> na prestigiosa *The New Yorker*, reverência dedicada aos melhores escritores contemporâneos como W. G. Sebald, Javier Marías, Péter Esterházy, Per Petterson, Roberto Bolaño e Elena Ferrante, e tem o poder de influenciar exponencialmente as vendas de livros e as traduções dos perfilados. Prêmios e galardões importantes, como Camões, Jerusalém e Juan Rulfo, celebraram seu estatuto hoje pouco contestado de protagonismo dentro da literatura de expressão em língua portuguesa, posição que Lobo Antunes ocupa com grande graça e senso de responsabilidade. Para muitos críticos e jornalistas culturais o Prêmio Nobel é apenas questão de tempo.

António Lobo Antunes tornou-se um indisputado clássico contemporâneo.

A descoberta pessoal do trabalho de António Lobo Antunes se deu por meio do meu entusiasmo de leitor com a literatura portuguesa seguido ao Prêmio Nobel de José Saramago, em 1998. No ano seguinte, a Bienal do Livro do Rio de Janeiro celebrou Portugal como país homenageado da feira trazendo ao país uma enorme comitiva de novos e celebrados nomes das letras portuguesas, criando assim a oportunidade para os leitores adquirirem uma pequena mas rigorosa mostra da literatura portuguesa recente. Nessa ocasião conheci o trabalho de João de Melo e Augusto Abelaira, adquiri mais títulos de José Saramago e romances e relatos de José Cardoso Pires que ainda não possuía, e também antologias de poemas de Ruy Belo e de Eugénio de Andrade. E no meio dessa celebração de novas leituras e nomes, fui atraído por dois livros de António Lobo Antunes: o romance *Exortação aos Crocodilos*, que era o mais recente do autor no momento (1999), e um exemplar do *Livro de Crônicas* que logo chamou a atenção pela minha predileção gênero.

Foi um deslumbre. O romance, verdadeira obra-prima, era um exemplar original e enérgico da literatura experimental, um engenhoso misto de narrativa lírica e política cujas estratégias e linguagem remetiam a meus autores queridos naqueles anos, William Faulkner, Virginia Woolf e Mario Vargas Llosa. Havia um prazeroso senso de reconhecimento na leitura de *Exortação aos Crocodilos*. Fiquei impressionado com o António Lobo Antunes Leitor que se depreendia da

---

<sup>1</sup> [http://www.newyorker.com/arts/critics/books/2009/05/04/090504crbo\\_books\\_conrad?currentPage=all](http://www.newyorker.com/arts/critics/books/2009/05/04/090504crbo_books_conrad?currentPage=all)

leitura de *Exortação aos Crocodilos*. As crônicas, no entanto, eram outra coisa: possuíam uma energia agressiva e despojada que para mim era uma novidade. Como as melhores crônicas de Rubem Braga e Paulo Mendes Campos, podiam ser alusivas e poéticas. Porém, a forma muitas vezes indiferente como suas crônicas se dirigiam ao leitor, provocando-o e acusando-o, e esse narrador mal-humorado e belicoso, criado por Lobo Antunes para ser sua persona de cronista, criaram uma forte impressão que dura até o momento.

É afortunado o leitor de jornais e de revistas brasileiro.

É combatido lugar-comum abraçar o gênero crônica como uma expressão exclusiva da literatura nacional, apesar de “produto sui generis do jornalismo brasileiro”<sup>2</sup>, uma vez que é possível levantar exemplos de brilhantes cronistas na imprensa de diversos países. No entanto, a crônica brasileira se destaca das restantes porque no Brasil foram os melhores escritores, poetas, romancistas, dramaturgos, por uma questão de subsistência diante da fraqueza comercial do mercado editorial brasileiro, que acabaram por se dedicar, por longos períodos de suas vidas criativas, ao gênero: Machado, Bilac, João do Rio, Bandeira, Queiroz, Drummond, Cecília Meireles, Mendes Campos, Lara Resende, Sabino, Braga, Fernando Veríssimo. Grandes escritores, como John Updike, nos EUA, ou George Orwell, na Inglaterra, escreveram fartamente na imprensa de seus países. Porém, jamais tiveram a oportunidade de escrever, como os escritores brasileiros, sobre qualquer coisa que desejassem, inclusive aquelas sem qualquer importância social e política como borboletas, beber com amigos, caminhar na praia.

A lista de cronistas brasileiros é imensa. Passa com imensa qualidade pela crônica esportiva (Nelson Rodrigues, José Lins do Rego, João Máximo) e pela humorística (Bastos Tigre, Barão de Itararé, Stanislaw Ponte Preta, Carlos Eduardo Novaes), e em seu exuberante leque de variedades tem um denominador comum: sua excelência. No Brasil, excelência é um parâmetro de avaliação estética no jornalismo literário. A tradição cronística brasileira é tão forte e expressiva que poderia se afirmar que se um texto breve de natureza narrativa publicado em jornal e revista não atingir excelência, ainda que seja denominado de crônica pelo próprio jornal e revista, não é crônica. Romances e contos podem ser falhados e ainda assim pertencerem ao conjunto de textos que definem a

---

<sup>2</sup> CANDIDO, Antônio. “A vida ao rés-do-chão”. <http://avidaaioresdochao.wordpress.com/versao-integral/>

tradição do gênero no Brasil. A crônica, como a poesia, não aceita nada além de excelência.

A crônica faz parte do dia-a-dia do leitor e do cidadão brasileiro. Seja em sua alfabetização, em que está presente em excelentes e numerosas coletâneas temáticas, ou até mesmo no vernáculo, na linguagem com que as pessoas se comunicam nas ruas (“se não chora, não mama”, “a bola foi na trave”, “o finado bateu as botas”, frases pinçadas de crônicas lendárias que ganharam o imaginário popular), há com o gênero crônica uma familiaridade afetiva. É esperado pelo leitor que no meio de notícias frias e objetivas de eventos recentes e análises de conjuntura econômica e política, entre sisudos artigos de opinião de ciência e de tecnologia, esse leitor encontre o respiro de textos cuja nobre finalidade é apenas se ocupar com qualquer coisa, sem pressa e exasperação, e sem compromisso algum além de divagar livremente e com engenho pelo tema.

Leitor atento e entusiasta do gênero, a obra cronística de António Lobo Antunes se tornou prazer e desafio regular ao longo dos anos de pós-graduação, leitura essa enriquecida pela exploração paralela de seus romances nos cursos dados pelo professor Alexandre Montauray.

As crônicas de Lobo Antunes se encontram reunidas, seguindo a ordem em que foram originalmente publicadas, em quatro volumes<sup>3</sup>, e a revista *Visão* mantém um site atualizado<sup>4</sup> onde estão disponíveis todos os textos mais recentes não incluídos nas quatro coletâneas. O arco das crônicas, ainda que os textos sejam de natureza diversa, é discernível. A primeira reunião, *Livro de Crônicas*, é a mais variada das coletâneas: nela encontra-se as esperadas reminiscências de infância e de juventude, com destaque a colorida vida em Benfica, subúrbio lisboeta, e também as atribulações e as dificuldades da vida de escritor – agentes, editores, viagens, lançamentos, bloqueios criativos – que tanto fazem parte do dia-a-dia do ofício da letras.

Mas há na primeira reunião também a exploração de narrativas em primeira pessoa cujos narradores não possuem marcas de escrita autobiográfica em que Lobo Antunes se debruça, majoritariamente, sobre relações amorosas – episódicos relatos de pequenas infidelidades e de aventuras e do tédio soporoso de

<sup>3</sup> *Livro de Crônicas*, 1998; *Segundo Livro de Crônicas*, 2002; *Terceiro Livro de Crônicas*, 2006; *Quarto Livro de Crônicas*, 2011. Todos originalmente publicados pela editora portuguesa Dom Quixote.

<sup>4</sup> <http://visao.sapo.pt/antonio-lobo-antunes=s23489>

relacionamentos muito longos. Lobo Antunes abandona nas próximas reuniões, gradativamente, esses relatos em primeira pessoa de relações amorosas e começa a explorar e focar temas que se tornam logo os grandes protagonistas em sua obra cronística: a finalidade da escrita e da vida solitária de escritor, as poéticas da literatura e da leitura, a impossibilidade em lidar com as memórias da Guerra Colonial em Angola, a irremediável velhice e o sentimento cotidiano de finitude, e gatilhos emocionais que acessam tempos antigos como objetos pertencentes aos membros já finados de sua família, como seus avós, e as inúmeras casas vazias e abandonadas, e álbuns de retratos abandonados. Quando o bairro de Benfica volta a aparecer no *Quarto Livro de Crônicas*, ele retorna como um espectro fantasmal, designo de morte e de falência, do que com a vitalidade expressiva com que o bairro surgiu nas primeiras crônicas.

Dessa forma, foi decidido para a presente tese, diante de um conjunto de quase 400 crônicas disponíveis, pôr de lado os textos breves em que Lobo Antunes explora o tédio desses pequenos relatos amorosos, já que o cotejo entre esses textos, cerca de 50 do total, demonstra padrões repetidos e pouco variados que são mais apropriados como foco de um artigo futuro. Sendo assim, o recorte da tese se concentra nas crônicas em que o narrador encena e explora uma escrita mais autobiográfica, procurando detectar o arco que fazem dentro de assuntos de importância para o autor que se repetem, ora protagonizando crônicas inteiras, ora atravessando o assunto de outra crônica.

O percurso traçado pela tese é entender, em primeiro lugar, qual o lugar das crônicas na obra de Lobo Antunes, tanto para seu próprio autor, conforme ele as descreve nas crônicas, quanto também para os pesquisadores Maria Alzira Seixo, Maria Micaela Ramon e Alexandre Montauray, que se dedicam ao estudo da obra do escritor português. Em seguida, abordar teoricamente a crônicas enquanto gênero literário, por meio da leitura de textos-chaves sobre o gênero de Afrânio Coutinho, Antônio Candido e Davi Arrigucci Junior, e traçar o uso que Lobo Antunes faz do conceito de cotidiano, tão definidor do gênero, aproximando-se de leituras de Denílson Lopes acerca do tema. Por fim, tentar entender esse gesto de escrita autobiográfica, encenado por Lobo Antunes nas crônicas selecionadas, a partir de leituras de Pierre Bourdieu e de Wander Melo Miranda.

Em seguida, a tese explora espaços e temas recorrentes na cronística do autor, que de uma Lisboa fantasmal do presente, espaço de exílio de tempos mais

vitais, o cronista, de caneta em riste, recebe as memórias do passado: Benfica, contentor potente da reflexão da passagem do tempo, e Angola, espaço turbulento de morte e de aprendizado, onde o sentimento de revolta do cronista, motor tão definidor dos romances, toma forma. Por um lado a memória buscada, voluntária, de Benfica e de suas personagens divertidas e variadas; de outro, a memória evitada, involuntária, de uma Angola cadavérica, violenta, que retorna com força para abraçar o cronista e torna-lo ainda mais ciente do espectro da morte.

O tema da infância, tão caro ao longo de toda obra cronística, é abraçado por dois nortes: por um lado, pela inocência e inventiva do olhar infantil diante do mundo em contraste com a dureza e a rigidez que o menino detecta na vida adulta, tão aut centrada em hábitos desagradáveis e repetitivos; e, logo em seguida, pelas diversas encenações de um momento mágico para o cronista: a descoberta de sua vocação literária arrebatadora pelo menino Lobo Antunes. São crônicas em que Lobo Antunes investe na imaginação diante de um mundo realista e objetivo, onde aponta a imaturidade e a literatura como defesas contra a rigidez da vida adulta, que acaba alcançando o menino Lobo Antunes.

Outro tema corrente e obsessivo nas crônicas é a velhice: a ação constante do tempo sobre o corpo humano, que ocupa algumas das crônicas mais bonitas, e que provoca esse olhar envelhecido do cronista a buscar e a recobrar as vitais lembranças de meninice, e com essas lembranças o corpo jovem que possuía e que ainda encontra indícios de existir. E naturalmente com a velhice o tema da morte, imperioso, cujo sentimento envenena a imaginação do cronista e contamina seu olhar para o mundo que descreve nos seus textos esvaziando assim todo presente em redor de movimento e de potência.

Há poucos personagens constantes na cronística de Lobo Antunes, e do cardápio dos assuntos recorrentes, por exemplo, na crônica brasileira – a mulher que passa, a fraternidade entre amigos, os prazeres do copo e da cama, a saudade de rostos antigos, etc. –, apenas um deles surge com alguma frequência: a falta de assunto do cronista diante do prazo que se aproxima. Contudo, há um personagem que se destaca: a figura do avô. Algo indistinto, em algumas crônicas uma mistura de avôs e em outras mais personalizado, ele retorna de forma recorrente: registro por meio do qual o António Lobo Antunes cronista pode apreciar o António Lobo Antunes menino, protegido pela cumplicidade carinhosa e tranquilizadora do avô, e que acalenta o cronista diante das dificuldades e desafios da vida adulta. Outro

assunto abordado recorrente que perpassa toda a cronística de Lobo Antunes, primeiro de forma pontual, e tomando espaço até protagonizar textos no *Quarto Livro de Crônicas*, é a presença de fotografias no dia-a-dia das pessoas: seu impacto tanto como designo metafórico da finitude da vida quanto também gatilho de memórias de entes queridos, que encaram os vivos de dentro das fotos, sequestrados pelo esquecimento.

Quando diante de uma obra tão variada como as crônicas de António Lobo Antunes, o recorte pode alcançar diversos escaninhos e composições. Os temas e assuntos e personagens clivados dessa massa textual são, em retrospecto, a prova viva da defesa de Lobo Antunes da verdadeira finalidade da leitura que professa em suas crônicas: estar diante de narrativas que nos façam recobrar, sem atalhos e de forma direta, aquilo que nos é importante enquanto seres humanos. Como diante de um espelho, por vezes generoso, por vezes sinistro, ler e reler as crônicas de António Lobo Antunes foi também realizar uma exploração por meio daquilo que me é mais caro e verdadeiro. Outro pesquisador, diante do mesmo conjunto de crônicas, destacaria outros recortes, com outros assuntos e com outros personagens, enxergando outros temas que até me foram invisíveis e que diriam, em retrospecto, mais sobre o próprio pesquisador do que acerca do António Lobo Antunes que as crônicas, com toda sua tristeza e beleza, e riqueza e variedade, apontam e reconstroem.